

COM A PALAVRA



FRITZ NUNES

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta- Numa das suas intervenções durante o III Congresso, o sr. disse que as universidades públicas já estão privatizadas. O que o sr. quis dizer com isso?

Resposta- Existe uma lógica que está implementada em geral nos programas da pós-graduação, com pesquisas extremamente vinculadas ao mercado, na própria maneira com a qual se tem formado os professores, e os alunos que chegam à universidade já vem com uma mentalidade diferente do que a que nós tínhamos há 20 anos, quando o compromisso político era muito mais claro. Na prática existem laboratórios inteiros que são privatizados. Sobre isso existe muito material que o movimento docente já produziu, e precisamos ter clareza de que esse é hoje um empecilho, por exemplo, para uma mobilização maior de professores. Não é uma impossibilidade, mas é uma dificuldade. Por quê? Porque eles procuram resolver individualmente problemas como o salário, etc. Procuram através de mecanismos individuais também uma forma de inserção política nos vários órgãos superiores, e, não tem nenhum compromisso com o conjunto da categoria. Isso não se expressa democraticamente numa assembleia. Então, a privatização não é a propriedade privada disso, mas o controle privado da universidade e, isso, eu não tenho a menor dúvida que está acontecendo, não mais como uma tendência, mas como uma realização muito forte em vários setores. Nas estaduais de São Paulo a gente pode dizer isso. São as universidades que têm um padrão de qualidade razoável que agora estão propondo como forma de expansão - uma universidade virtual. Essa entidade virtual significa a negação do próprio exercício do magistério, a própria formação do caráter do pesquisador, etc. Não tem nada a ver também com qualquer projeto nacional que seja democrático. Não nego que possa haver algo, por exemplo, como a universidade aberta inglesa. Mas, em um nível complementar e não no de formação.

P- Como se combate essa privatização que já está instalada, com os exemplos das fundações de apoio que expressam de certa forma o que o sr. está dizendo? Como se combate, já que parece que o nível de comprometimento por uma parte dos professores com estes projetos já está consolidado?

R- Esse é um debate político que tem que ser feito diariamente na categoria, nos colegiados, nos órgãos de representação acadêmicos e, nos órgãos de representação sindical. Não tem solu-

ção pronta e acabada. É o debate com a categoria. É evidente que esse debate tem complicações porque há uma desproporção de meios. Por exemplo, você faz uma campanha de mídia nacional sobre o Reuni. Você gasta o dinheiro de todo o movimento, e o governo usa o controle que tem sobre a mídia e transforma nossa fala em um não-argumento. Temos que instaurar mecanismos mais visíveis no conjunto da categoria e da sociedade em conjunto com os técnico-administrativos e os estudantes. É uma batalha diária, para usar uma expressão militar, mas que foi usada por teóricos da política. É uma guerra que tem que combinar um movimento e a trincheira. Em alguns momentos nos fechamos, nos organizamos e dizemos: daqui não passa. Mas tem que ter a tropa inteira que avança sobre o território adversário. Isto tem que ser uma questão profundamente discutida. Os técnico-administrativos são extremamente importantes porque eles, por vários motivos, são relevantes. O laboratório não existe se não tiver o técnico-administrativo. Se ele é ganho para a causa da universidade pública há uma forte possibilidade disso e então a gente avança. É um debate sem fim.

P- O sr. fez uma avaliação no debate sobre a questão do ProIFES, e disse que durante muito tempo o ANDES ignorou essa entidade. Mas, hoje, o ProIFES tem bases nas instituições federais de ensino superior. O sr. considera que o ANDES errou no momento em que simplesmente ignorou o ProIFES?

R- É bom qualificar essa questão. Eu acho que houve erros táticos. Eu acho que o inimigo não desaparece porque você não fala dele. Infelizmente, temos que considerá-los inimigos e não adversários. Eles não respondem às necessidades da categoria, mas são uma corrente que tem aval do governo. Já faz muito tempo que venho dizendo que eles são um braço sindical do governo. Muita gente achou que se não falasse, eles não iam crescer. Bobagem. A lógica que o pessoal usava é que em bolo que você não bate, ele não cresce. Não é verdade, a realidade tem outra regra. Se fosse no governo do Fernando Henrique Cardoso eles não teriam condição de aparecer. Não teriam esse respaldo, essa ligação promíscua com o governo através de uma central que há muito tempo abandonou seu projeto histórico. A CUT abandonou em 1988, não foi agora, não foi com o governo Lula. Nós, como movimento, não tivemos política para enfrentá-los, preferimos fingir que eles não existiam. Não todos, muitos companheiros alertaram para isso. Mas o conjunto da categoria não foi

Edmundo Fernandes Dias

A universidade crítica está morrendo

Para muitos militantes, ele é praticamente um "patrimônio" do Movimento Docente. Participou da fundação do ANDES, no final dos anos 70, passou por muitas diretorias da entidade e, atualmente, aposentado do departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Edmundo Fernandes Dias integra a diretoria da Adunicamp, o sindicato local. Importante pensador do campo marxista, Edmundo é bastante realista quando analisa a conjuntura atual. Para ele, a universidade como formadora de uma visão crítica praticamente morreu. Afirma também que o ANDES cometeu um erro tático ao ignorar o crescimento do Fórum de Professores (ProIFES). Apesar disso, ele não se considera um pessimista. Edmundo, aos 66 anos, e algumas limitações de saúde, não esmorece ao defender a construção de um projeto para a universidade a partir de um diálogo de todos os segmentos que compõem a instituição. Acompanhe a seguir os principais trechos da entrevista concedida ao Jornal da SEDUFSM, em Brasília, durante o III Congresso Extraordinário: